

A ÁGUA QUE MATA A NOSSA SEDE É A MESMA QUE PODE NOS MATAR

Aluízio Ribeiro Pinheiro¹

Odirley Ferreira da Silva²

RESUMO

Este artigo trata de uma investigação feita no I módulo do ano letivo de 2013, por alunos da terceira série do ensino médio, da Escola Frei Paulino, da localidade Rio Panacuera. A água que mata a nossa sede é a mesma que pode nos matar é uma pesquisa qualitativa porque analisa fatos e opiniões narrados por pessoas, segundo uma abordagem fenomenológica, que tem a intenção de fazer a análise tanto estrutural quanto hermenêutica dos dados. Ela mostra que 50% da população já foi vítima de alguma doença por beber água diretamente do rio. Mostra também que o ensino pode ser dinâmico, que o aluno pode ser ativo, que a investigação pode ser uma boa metodologia e que a matemática ministrada na escola pode ser usada para ajudar a comunidade a resolver seus problemas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Investigação. Matemática. Escola. Campo. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Sou professor e sei que a Escola não vive num mundo de faz de conta. Tenho percebido que os problemas gerados fora da escola repercutem na sala de aula no desempenho para mais ou para menos de cada aluno e que nós cidadãos, membros de uma instituição de ensino devemos usar o nosso conhecimento escolar para orientar os nossos discentes para intervir nos problemas sociais afim de resolvê-los.

Ao longo dos meus vinte e quatro anos de magistério como professor de matemática do ensino fundamental e médio da rede pública estadual do Pará tenho percebido que o alunado não quer só informações, ele tem rejeitado este modelo estático de educação, onde só o professor sabe tudo e ele só tem que ser bom ouvinte e reproduzidor dos ensinamentos do mestre. Rejeita esse modelo quando não entra em sala ou quando entra e não presta atenção ou entra e atrapalha a aula, quaisquer dos casos são ruins para o professor, para o aluno, para a família e para a sociedade, porque estamos investindo num modelo que tem produzido resultado bem abaixo do esperado. O aluno do século XXI tem dado indícios de querer uma educação tão dinâmica como o seu telefone celular, que lhe permite ser ator principal quando faz ligações, recebe ou interage nas redes sociais. O estudante parece querer nos dizer através da sua rebeldia, indisciplina, sonolência, apatia, etc. que só informação não resolve, ele quer saber como usar estas informações, suponho que se for convencido que elas servem para lhe ajudar a entender

¹ Mestre em Educação Matemática pela UFPA e docente há 24 anos no ensino fundamental e médio pela secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA). aluizopinheiro@yahoo.com.br

² Especialista (Faculdade Montenegro), Professor (SEDUC-PA). odirleyrock@hotmail.com

a sua realidade através de pelo menos uma atividade prática, possa se interessar por elas e transformá-las em conhecimento.

O referencial teórico foi composto por João Pedro da Ponte – Investigações Matemáticas na Sala de Aula (2009), Iran Abreu Mendes – Matemática e Investigação em sala de aula: Tecendo redes cognitivas na aprendizagem (2009), onde os autores defendem a investigação Matemática em sala de aula como um poderoso meio de construção do conhecimento. E por Ole Skovsmose – Educação Matemática Crítica: a questão da democracia (2001), onde o autor defende que a matemática deve ser utilizada para melhorar a vida do estudante e de sua gente. Essas obras desses autores me proporcionaram o suporte teórico para orientar investigação de problemas sociais utilizando o conhecimento matemático ministrado em sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse novo século, o mais importante para a sociedade é que a escola desenvolva no alunado a capacidade de investigar, analisar, concluir, criar e agir. Para que isso ocorra é preciso mudar o processo de ensino estático e unilateral, no qual o professor é o único informante e isso conduz o aluno a um processo contínuo de passividade. Por outro lado, as aulas dinâmicas centradas no conhecimento específico e na investigação da realidade envolvida nos contextos sociais através da Matemática podem conduzir os alunos a um processo ativo provocado pela sua participação, o que implica na tão desejada autonomia estudantil. É por isso que Mendes (2009, p. 127-128) recomenda o uso de projeto de investigação no ensino de matemática.

O uso de projetos tem o mérito de ser, antes de tudo, um dos meios didáticos que o professor dispõe para combater o ensino verbalista (mecânico) e memorístico, e sua utilização deve proporcionar aos alunos mais do que lhe conferir conhecimentos, dar-lhes oportunidade de desenvolver suas capacidades criativas e investigatórias.

Concordo com Mendes que o ensino de matemática através de projetos é mais um instrumento que o professor pode disponibilizar para melhorar a capacidade do aluno de observação, raciocínio, método de trabalho, trabalho em equipe, iniciativa, direção, criatividade, cooperação, responsabilidade, busca, leitura, redação e expressão. Afinal o sonho da maioria dos estudantes é tornar-se visível para a escola e para a sociedade. Alinhado a este mesmo princípio de ensino dinâmico Ponte (2009, p.108), recomenda a investigação social no ensino de Estatística.

[...] O seu objeto não são conceitos simples como números e figuras geométricas, mas agregados de objetos como amostra e populações. Além disso, como sublinhamos, é um tema que não deve ser encarado isoladamente, mas usado em processos de investigações e em contextos de atividade social.

Foi pensando em investigar os problemas sociais significativos e próximos dos alunos, que utilizamos os conhecimentos de Estatística como ferramenta para ajudar os estudantes a conhecerem melhor a sua realidade para que possam de alguma forma interferir para melhorá-la.

Segundo Skovsmose (2001). A Educação Matemática Crítica defende que os seus conhecimentos sejam utilizados de forma ativa para combater todas as formas de injustiças sociais. Porque qualquer um que não esteja de posse de tais conhecimentos se torna vítima dos processos sociais dos quais a matemática pode ser um dos seus algozes. Para que a matemática seja relevante e útil a sociedade devemos encharcar o seu ensino de problemas relevantes e próximos dos alunos, que possibilitem solução e soluções dependendo das variáveis que forem aceitas. Este aprendizado deve servir de instrumentos para que os alunos possam entender a formatação dos modelos matemáticos aí existentes e sugerir modelos matemáticos a partir destes que podem trazer melhores resultados sociais.

De posse dos conhecimentos oferecidos por estas três obras orientei na Escola Municipal Frei Paulino, na localidade Rio Panacuera³, o uso de projetos de investigação, onde os meus alunos da última série do ensino médio investigaram dois problemas sociais relevantes e próximos deles e utilizaram os conhecimentos matemáticos para organizar, analisar, apresentar e sugerir ações que podem ajudar a comunidade a resolver estas dificuldades.

Sou professor no Sistema de Organização Modular de Ensino – SOME – há dez anos, esta é uma das modalidades de ensino do governo do Estado do Pará desde 1981 e atende a 98 municípios em 2013. O SOME funciona em Abaetetuba desde 1996, oferece o ensino fundamental do 6º ao 9º anos e o ensino médio completo para adolescentes, jovens e adultos do campo, em 2013, atende a 3.106 alunos. As disciplinas são divididas em quatro módulos: ciências exatas e naturais; humanas e sociais; biológicas e físicas; e letras e línguas. Cada módulo tem 50 dias letivos. O aluno tem direito a duas avaliações de dez pontos e uma recuperação de mesmo valor, caso não obtenha média aritmética ponderada maior ou igual a cinco, que lhe garante aprovação.

³ É uma das 21 ilhas atendidas pelo SOME em Abaetetuba, tem aproximadamente 1000 moradores e fica à 3h de distância de barco freteiro (embarcação que transporta passageiro) do cais da cidade. Seus moradores vivem da pesca artesanal e do plantio de açáí.

METODOLOGIA

Sempre planejo o desenvolvimento do curso com os meus alunos, quero saber quantas provas e quantos trabalhos eles farão. Geralmente as turmas decidem fazer um trabalho e duas provas e com esta turma do 3º ano do ensino médio, da Escola Frei Paulino, da localidade Rio Panacuera não foi diferente. Depois nós decidimos os critérios de avaliação e seus valores para as provas e para o trabalho. Para as provas ficou acertado que as frequências valeriam um ponto, as atividades feitas em sala e em casa valeriam três e a prova valeria seis pontos. E para o trabalho ficou combinado que a coleta de dados valeria dois pontos, a redação dois e a apresentação da investigação seis pontos. Como esta turma era formada por dez alunos, combinamos que as equipes deveriam ser formadas por dois grupos de cinco. E que no final da aula os estudantes apresentassem a relação dos componentes das equipes.

No dia seguinte expliquei que a nossa pesquisa seria qualitativa, porque iríamos analisar fatos e opiniões narrados por pessoas, segundo uma abordagem fenomenológica, porque tínhamos a intenção de fazer a análise tanto estrutural quanto hermenêutica dos dados, a primeira se debruça sobre os aspectos da realidade presentes na manifestação e a segunda privilegia os significados social e historicamente atribuídos às manifestações do que, uma vez, foi compreendido na percepção, mas que se materializou nas palavras. Decidimos que a coleta de dados seria feita através de leitura bibliográfica sobre o tema e dez entrevistas semiestruturadas de três perguntas. Depois de uma semana de leitura as equipes me apresentaram cada uma um texto que passamos a chamar de referencial teórico da pesquisa. A partir daí os grupos formularam as perguntas e suas respectivas justificativas, isto é, o objetivo do que se queria obter com cada pergunta, e nós avaliamos se as perguntas poderiam fomentar respostas sobre o tema investigado. Definimos também as características das dez pessoas a serem entrevistadas.

Depois de uma semana eles trouxeram as respostas das três perguntas e não sabiam muito bem o que fazer com elas. Orientei que organizassem inicialmente em três tabelas com as dez respostas, uma para cada pergunta, e que a ordem das pessoas entrevistadas fosse mantida em todas as tabelas, e que destacassem de cada discurso as passagens das respostas que tratassem do problema de pesquisa. Depois de vencida esta parte da investigação, pedi a eles que agrupassem as falas de mesmo sentido e construíssem as tabelas de frequências relativas de cada uma das três perguntas e seus gráficos.

Na penúltima semana eles foram orientados para fazerem a discussão entre os resultados obtidos e a teoria adotada. E em seguida fazerem algumas considerações, era então chegada a hora deles se posicionarem em relação ao tema, baseados nos indícios identificados nos dados, na teoria e na vivência de cada um deles.

Por último, falei da importância da referência bibliográfica nos trabalhos, pois é ela que serve de base para o estudo de outros pesquisadores. A bibliografia serve para facilitar a vida do interessado em saber mais sobre o assunto que foi tratado na investigação, ela é o endereço e muitas vezes a carta de recomendação para o seu tema de pesquisa ou assunto favorito.

RESULTADOS

No Brasil, os potenciais de água doce são extremamente favoráveis para os diversos usos; no entanto as características de recurso natural renovável, em várias regiões do país, têm sido drasticamente afetadas. Os processos de urbanização, de industrialização e de produção agrícola não têm levado em conta a capacidade de suporte dos ecossistemas. Segundo Rebouças (1997, p.6) citado por Brasil (2006, p.19).

[...] Este quadro está sensivelmente associado ao lançamento – deliberado ou não – de mais de 90% dos esgotos domésticos e cerca de 70% dos efluentes industriais não tratados, o que tem gerado a poluição dos corpos de água doce de superfície em níveis nunca antes imaginados.

Na Amazônia esta prática destrutiva de desenvolvimento se repete, pois o crescimento das cidades como Abaetetuba-PA e Barcarena-PA não vêm acompanhado de um sistema de tratamento dos esgotos domésticos. E nem o Complexo Industrial de Vila do Conde (Barcarena-PA) tem conseguido evitar os constantes acidentes que tem despejados nos rios os seus efluentes industriais não tratados. O que vem gerando a poluição de vários rios, entre eles o Rio Panacuera.

Os sistemas de abastecimento de água (SAA) são obras de engenharia que têm como objetivo assegurar às populações a eliminação dos riscos à saúde impostos pela ingestão e uso da água.

A equipe que fez esta investigação tinha como problema de pesquisa: “SABER SE A ÁGUA QUE MATA A SEDE DO POVO DO RIO PANACUÉRA É A MESMA QUE LHEM MATA”. Formulamos essa pergunta porque percebemos ao longo da nossa convivência com os moradores da nossa localidade que muitos deles consomem água retirada diretamente do rio. E tendo como objetivos: identificar de onde vem a água que mata a sede dessas pessoas; saber se a água consumida por esses ribeirinhos provoca neles algum problema de saúde; e ouvir deles as sugestões para resolver a problemática da água não tratada.

Para responder ao nosso problema de pesquisa, transformamos os nossos três objetivos em três perguntas. Agora vamos mostrar como trabalhamos as informações colhidas por nossa equipe na

primeira pergunta de nossa entrevista: DE ONDE VEM A ÁGUA QUE AS PESSOAS DA SUA CASA BEBEM?

(TABELA 1) Qualificação dos motivos explicitados pelos entrevistados em relação: A FONTE DE CONSUMO DA ÁGUA.

ENTREVISTADOS	RESPOSTAS
01	Do rio; porque não tenho meios de trazer água mineral até minha casa.
02	Na maioria das vezes a água é comprada; porque a água do rio não possui qualidade adequada para nosso consumo.
03	A água que utilizamos em minha casa é extraída diretamente do rio; porque não tenho recursos para comprar a água para nosso consumo.
04	Do rio; porque não tenho outra fonte nem formas para comprar.
05	Do rio; porque é a única fonte de água que encontramos em nossa comunidade.
06	Vem do rio; porque não tenho como trazer água mineral até minha casa.
07	Em minha casa utilizamos água mineral; porque a água que encontramos na localidade não ofereci nenhum benefício para nossa saúde.
08	Pois bem a água consumida em minha casa é extraída diretamente do rio; porque não possuímos recursos para compramos a água mineral.
09	Do rio; porque não tenho recursos para comprar água para minha família.
10	Comprada; porque tenho filho pequeno e a água aqui da comunidade não é boa para tomar.

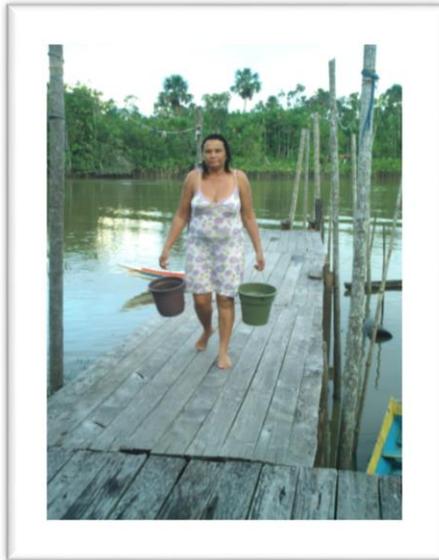


Foto: Brito

(TABELA DE FREQUÊNCIAS 1) Quantificação dos motivos explicitados pelos entrevistados em relação: A FONTE DE CONSUMO DA ÁGUA.

ENTREVISTADOS	FA	FR
As pessoas que bebem água do rio	07	70%
As pessoas que bebem água comprada	03	30%
Total	10	100%

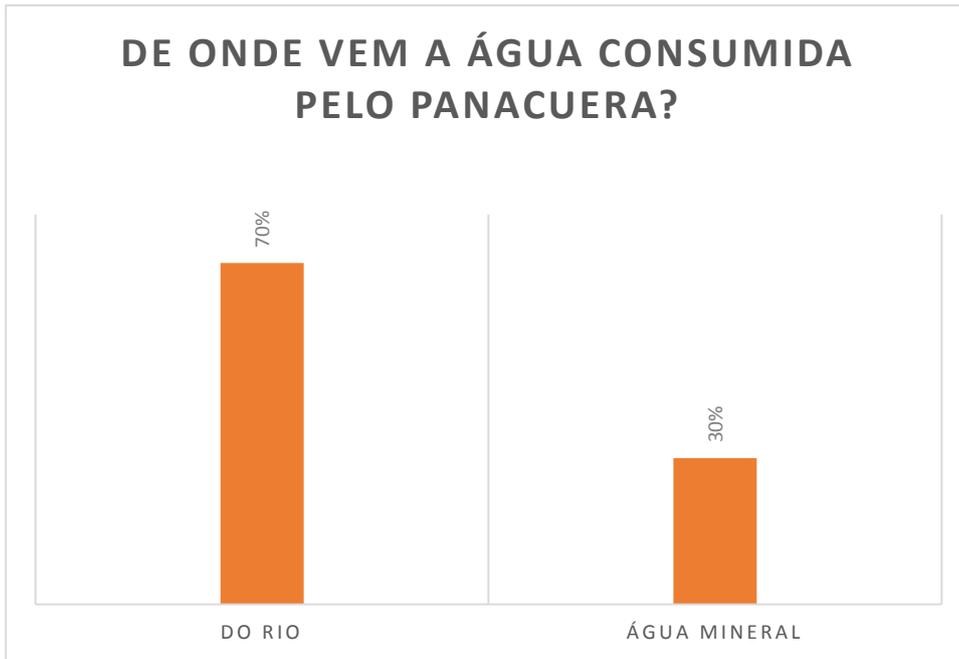


Gráfico 1.

Agora, vamos mostrar como foram tratadas as informações colhidas por nossa equipe, na segunda pergunta da entrevista: **JÁ TEVE ALGUM CASO DE DOENÇA CAUSADA PELA ÁGUA EM SUA FAMÍLIA?**

(TABELA 2) Qualificação dos motivos explicitados pelos entrevistados em relação a pergunta: **SOBRE DOENÇAS PROVOCADAS PELO CONSUMO DE ÁGUA NÃO TRATADA?**

ENTREVISTADOS	RESPOSTAS
01	Sim; meu filho teve um problema no couro cabeludo e foi diagnosticado que as causas foi por causa da água que não temos cuidado.
02	Não; por que a água que consumimos em casa tem os cuidados necessários para que as doenças sejam evitadas.
03	Não; por que as pessoas de minha família utilizam água tratada.
04	Não; por que a água que consumimos em casa é filtrada e diluída com o cloro.

05	Não; por que em minha casa a água utilizada e fervida, filtrada e cuidada com o sulfato de alumínio e hipoclorito.
06	Sim; meu filho teve dor de barriga, diarreia e vomito e a A.C.S. disse que pode ter sido por causa da água poluída.
07	Sim; meu esposo antes de consumirmos água mineral teve um problema no estomago, foi ao médico que diagnosticou que uma das causas foi o consumo de água sem os cuidados necessários.
08	Sim; meu filho teve problema estomacal, fez uma série de exames que mostraram que a principal causa foi a água consumida estar poluída com vários poluentes e micróbios.
09	Não; porque a água que utilizo é de boa qualidade e não oferece riscos para nossa saúde.
10	Sim; eu tive diarreia, vomito, dor de barriga, tudo indica que foi por causa da água consumida, que não oferece nenhum benefício a nossa saúde.

(TABELA DE FREQUENCIAS 2) Quantificação dos motivos explicitados pelos entrevistados em relação: JÁ TEVE ALGUM CASO DE DOENÇA CAUSADA PELA ÁGUA EM SUA FAMÍLIA?

ENTREVISTADOS	FA	FR
As pessoas que sofreram com doenças causadas pela água que e extraída do rio e não recebe os cuidados necessários.	5	50%
As pessoas que consomem água do rio, mas não sofrem doenças pois a água é tratada para o consumo.	2	20%
As pessoas que não sofrem nenhum tipo de doenças causadas pela água, pois consomem água mineral (comprada).	3	30%
TOTAL	10	100%



Gráfico 2.

Agora vamos mostrar como tratamos as informações colhidas por nossa equipe na terceira pergunta: O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVEMOS FAZER PARA TER ÁGUA TRATADA EM NOSSA COMUNIDADE?

(TABELA 3) Qualificação das respostas dos moradores da localidade Rio Panacuera a terceira pergunta.

ENTREVISTADOS	RESPOSTAS
01	Deveríamos nos mobilizar em grupos para reivindicar ao poder público água tratada, pelo menos, para tomarmos e cozinarmos.
02	A comunidade deve se mobilizar independentemente de religião ou partidos políticos para buscar melhorias para a água de nossa comunidade.
03	No meu ponto de vista a comunidade deve estar se reunindo para buscar recursos junto aos governantes para que possamos construir um sistema de abastecimento de água tratada.

04	Para mim a comunidade deve estar se reunindo para buscar recursos junto aos poderes públicos para termos água tratada em nossa comunidade.
05	Deveríamos nos mobilizar e reivindicar ao poder público uma melhora para a água da comunidade.
06	Deveríamos cuidar da água não jogando lixo no rio, ou seja, evitar a poluição e a contaminação da água.
07	A população deve elaborar uma lista de reivindicação sobre os cuidados com a água e pedir para o governo executar.
08	Deveríamos construir um projeto para reduzir a poluição da água em nossa localidade.
09	A comunidade deveria se conscientizar de que a água é um bem comum para todas as pessoas e lutar em busca de melhores condições para água em nossa comunidade.
10	Deveríamos nos reunirmos para lutarmos em busca de benefícios para melhorar a qualidade da água para nossa comunidade.

(TABELA DE FREQUENCIAS 3) Quantificação dos motivos explicitados pelos entrevistados em relação a pergunta: O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVEMOS FAZER PARA TER ÁGUA TRATADA EM NOSSA COMUNIDADE?

ENTREVISTADOS	FA	FR
Buscar melhoria para água de nossa comunidade junto ao poder público	8	80%
Cuidar da água para que ela não fique poluída	2	20%
TOTAL	10	100%

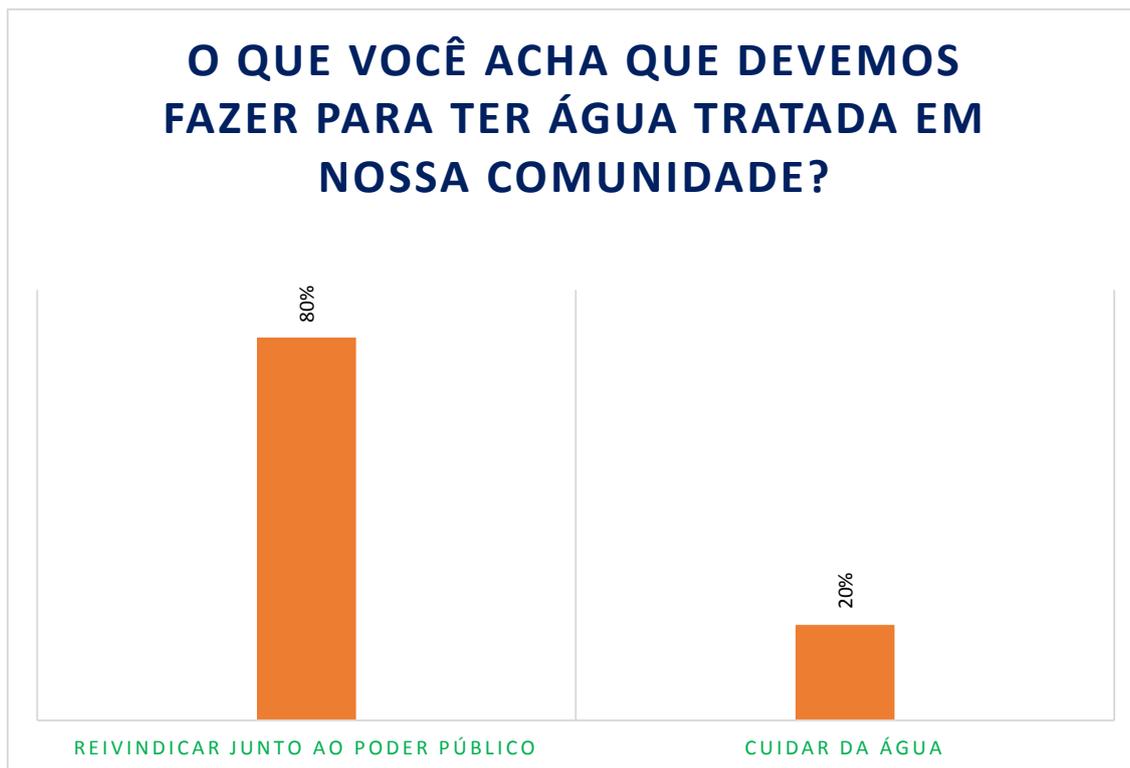


Gráfico 3.

DISCUSSÃO

Os resultados encontrados na primeira pergunta desta investigação, sobre a origem da água consumida pelos ribeirinhos, mostra que 70% dos moradores da localidade Rio Panacuera consomem água do rio, isso, nos coloca em alerta para o grande risco a saúde que a população dessa localidade está vivendo, pois sabemos que a água não tratada pode veicular um elevado número de enfermidades e essa transmissão pode se dar por diferentes mecanismos. O mecanismo de transmissão de doenças mais comumente lembrado e diretamente relacionado à qualidade da água é o da ingestão, por meio do qual um indivíduo sadio ingere água que contenha componente nocivo à saúde e a presença desse componente no organismo humano provoca o aparecimento de doença.

O resultado da segunda pergunta: se já houve algum caso de doença em sua família provocada pela ingestão de água não tratada. A resposta é assustadora, 50% da população da localidade Rio Panacuera já sofreu com algum tipo de doença provocada pela água poluída. Esse resultado reforça a necessidade de se investir na prevenção, que custa 20 dólares per capita, do que se gastar no tratamento como é feito hoje, a um custo de 200 dólares per capita, mais dor e perdas (ARAGÓN; GODT, 2003, p.96).

O resultado da terceira pergunta: o que você acha que devemos fazer para ter água potável em nossa localidade. 80% dos entrevistados responderam que devem lutar junto ao poder público para ter um sistema de abastecimento de água na localidade Rio Panacuera. Essa é uma luta necessária para assegurar um direito líquido e certo do ser humano que é o direito de ter água tratada oferecida pelo poder público. Segundo a Declaração Universal dos Direitos a Água, “o direito à água é um dos direitos fundamentais do ser humano: o direito à vida, tal qual é estipulado no artigo 30 da Declaração Universal dos Direitos do Homem” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2000, citado por BRASIL, 2006, p.18-19).

CONSIDERAÇÕES

A água potável é um direito do cidadão e com base nos indícios colhidos nas respostas dos entrevistados, esse direito é negado pelo Estado a 100% dos moradores da localidade Rio Panacuera, por isso, concordamos e apoiamos a sugestão apresentada por 80% da população da localidade de reivindicar o direito de ter água potável junto ao poder público.

Baseado nos dados colhidos, na localidade do Rio Panacuera 70% das pessoas bebem água do rio e, apenas 20% delas tratam esta água. 50% das pessoas dessa localidade já sofreram de doenças como: diarreia, vomito e infecção estomacal transmitidas pela água poluída. E os outros 50% estão isentas de sofrerem de doenças transmitidas pela a água, porque consomem água tratada.

Baseado nos dados dessa investigação, a maioria das pessoas da localidade do Rio Panacuera consomem água do rio. E a metade delas já sofreram de algum tipo de doença provocada por essa água poluída, isso nos leva a constatar que a água que mata a sede de 50% dessas pessoas é a mesma que pode estar lhes matando.

Fiquei feliz pela realização desse trabalho por pelo menos dois motivos: 1) ter conseguido fazer a conexão entre o conhecimento matemático ministrado em sala de aula e uma investigação de um problema social em que o alunado está inserido; e 2) por possibilitar aos estudantes do campo o conhecimento de um dos seus maiores problemas sociais que é a negação pelo estado de um dos seus direitos fundamentais, que é o direito a água. Fiquei esperançoso em ter uma sociedade melhor quando os estudantes da Escola Frei Paulino do Rio Panacuera identificaram um problema social da maior gravidade e sugeriram como solução que a comunidade escolar se una para reivindicar junto ao poder público a construção de uma fonte de água potável na localidade. Quando a Escola age assim, os conhecimentos produzidos por ela podem ajudar a comunidade a combater todos os tipos de injustiças

sociais que lhe oprime e lhe faz sofrer. Por isso, acredito que a investigação seja a ligação entre a escola e a sociedade. Devido essa metodologia de ensino ter muitas variáveis que os alunos gostam: desafio, visibilidade, busca, interação com a comunidade, trabalho em equipe, criatividade, redação, apresentação, etc. e se os estudantes se interessam pelo estudo o processo de ensino/aprendizagem fica mais produtivo e quem ganha com isso são os alunos, professores e a sociedade, que começa a perceber pela atitude dos seus alunos no dia-a-dia que a Escola está formando cidadãos.

REFERÊNCIAS

ARAGÓN, Luis E. problemática do uso local e global da água da Amazônia./ Luis E. Aragón; Miguel Clusener-Godt (Orgs). –Belém: NAEA, 2003.

BORBA, Marcelo de Carvalho. Pesquisa qualitativa em educação matemática/organizado por Marcelo de Carvalho Borba e Jussara de Loiola Araújo; autores Dario Fiorentini, Antonio Vicente Marafioti Garnica, Maria Aparecida Viggiani Bicudo. 2ª edição – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigilância e controle da qualidade da água para consumo humano/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. Análise de conteúdo – Brasília, 3ª edição: Liber Livro Editora, 2008.

MENDES, Iran Abreu. Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem – São Paulo: Editora Livraria de Física, 2009.

PONTE, João Pedro da. Investigações matemáticas na sala de aula/ João Pedro da Ponte, Joana Brocardo, Hélia Oliveira. – 2. Ed. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SKOVSMOSE, Ole. Educação matemática crítica: A questão da democracia – Campinas, SP: Papirus, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa. A entrevista na educação: a prática reflexiva - Brasília: Liber Livro Editora, 2ª edição, 2008.